

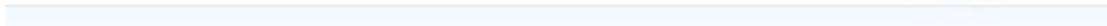
Revista Filosófica dos Alunos da
Universidade do Minho

Apeiron

(n.º4 – 11/2014)



Apoio: NEFILUM



Índice

Nota de Apresentação	2 e 3
1. A poesia de Jorge Palma como possível origem para um pensamento filosófico	4-11
Diana Neiva	
2. Poesia e Filosofia – (como) afirmações da vida e criadoras de possíveis	12-17
Carlos Bertão	
3. A Poesia é o gesto arredondado da Filosofia	18-22
Margarida Assis	
4. A problemática entre a Filosofia e a Poesia	23-26
Jorge Martins	
5. Como mudar o mundo: Poesia e Filosofia	27-30
Raquel Pereira	
6. Memória e espera no fluxo do tempo subjetivo	31-38
Judite Zamith-Cruz	
6.1 Consciência plena	31
6.2 Poesia e Filosofia: um tempo de espera	31-34
6.3 Filosofia do passado	34 e 35
6.4 Na interface de saberes do século XX	35 e 36

6. Memória e espera no fluxo do tempo subjetivo

6.1 Consciência plena

Jon Kabt-Zinn, um investigador norte-americano, foi quem formulou a seguinte definição de consciência plena: “estado de consciência que resulta do facto de se dirigir a atenção, intencionalmente, no momento presente e sem julgamentos, para a experiência que se desenrola momento a momento» (Kabt-Zinn, sem data; citado por S. Orain-Pélissolo, 2012, p. 73).

Muitas vezes vivemos a “borboletear” de um em outro pensamento e cansamo-nos da espera.

A consciência plena também ajuda a viver tendo-se um “problema” (Servant, 2012, p.204): a aliança entre filosofia e poesia.

Não se mostra eficaz, na psicologia emergente estarmos em *outro lugar*, a não escutar, não convivermos com *o acontecer*, a não aprendermos a aceitação do presente que temos. Talvez seja preciso meditarmos mais, realizarmos estiramentos, exercitarmos a marcha, mudarmos a alimentação e fazermos desporto, quando se privilegiem os exercícios de “consciência/atenção plena” – a total consciência dos próprios estados internos e do ambiente (VanderBos, 2010, p. 107) ou o “fluxo”, “zona” ou experiência ótima de ler e de escrever.

6.2 Poesia e Filosofia: um tempo de espera

Subceção é um termo introduzido pelo psicólogo humanista e psicoterapeuta Carl Rogers (1902-1987), em que um ímpeto é experienciado no corpo sem ser trazido à consciência. Trata-se de aprendizagem experiencial e escreve-se no alheamento do momento que passa. A *subceção* é outro termo para a *pré-perceção* que nos autoriza a anunciar as *coisas* de forma antecipada, sendo a *espera* de Paul Ricoeur também semelhante à “memória antecipatória”.

No entanto, o que foi passado é muitas vezes conservado e tarda o devir, o movimento para diante, sermos “seres em projeto” (Zamith-Cruz, 1997, 2012, p. 259), em vez de sujeitos ou objetos.

Quando conhecemos e teimamos em entender poemas como *The Waste Land* ou *A memória e a face*, texto adiante apresentado, as suas palavras dizem-nos precisarmos de nos enraizarmos e desenraizarmos numa cultura inglesa ou grega, precisarmos de construir múltiplas realidades, outras vidas numa terra com rosto, num quarto, no chão, na rua com amigos. Acredita-se no movimento de

distanciamento local e no tempo histórico e ficcional justificado pelo ganho crítico e estranheza.

Mas o tempo não transcorre para trás, sendo que o tempo não se *resgata* mais na vida, na poesia de T. S. Eliot (1998) ou na obra de Nanos Valaoritis, um poeta grego, nascido em 1921 que aprendemos lendo e atentando em Anna Haddad (2007).

Nas suas notas para a leitura do poema *The Waste Land*, Eliot levará sempre o leitor para outro lugar diferente do poema e o tempo torna-se irredimível, mesmo quando se fixem as “categorias centrais” de memória e de tempo, que deixaram já se ser “exteriores” às personagens poéticas, quando ocupavam espaços de ação e de mera descrição, cerne de obras literárias do século XIX.

No século XX, pode compreender-se o personagem central de *The Waste Land*, *Tirésias*, de quem foi dito «ser um homem que também tinha sido uma mulher, que viveu para sempre e pode prever o futuro. Ou seja, nem uma única consciência humana, mas um polivalente mitológico e um fator unificador sem qualquer efeito» (autor desconhecido, 1960, p. 31).

É com apoio na “memória declarativa”, que recordar estará para a imagem reprodutora do passado de Eliot, uma autêntica impressão deixada por factos e eventos vividos. Por via travessa do cérebro, a “memória episódica” do quotidiano não o deixou alcançar a “verdade declarada” ou a ficção imaginada, em separado. Quando *Tirésias* antecipava, anunciava e predizia o futuro, fazia parte de um tempo de espera por algo mais da arte poética falível sendo as teorias da obra magistral sempre provisórias.

E se temos que nos envolver com a existência presente, o estranhamento é subsequente a viver, estende-se à obra poética e à longínqua filosofia.

Graças à *espera* presente, as *coisas* futuras estarão também *presentes*, sempre diferentes, face a nós mesmos, no porvir que indicia a *espera*. E tolda-nos ainda tanto a *espera*, o terceiro incluído de memória-tempo, proposto por Paul Ricoeur: a função de antecipação: «como se ‘lê’ este poema?» Que interpretação das palavras é a “correta”?

A todo o momento existem outras possibilidades de ler um poema, uns versos, como o de Nanos Valaoritis, no extrato de «A memória e a face» (sem data), sendo traduzido e recriado por duas brasileiras, Márcia Fusado e Ana Baptista (2007, pp. 14-15):

(...)

O esforço da memória para cercar a face

Com os frios factos sabidos

A luta da memória para dar à face

Um concreto ambiente

Uma sala sobre um chão um endereço

Em uma rua em uma cidade

Com amigos conhecidos parentes pessoas indiferentes

A falha da memória em dar à face uma rua.

(...)

A Poesia é um formato *legítimo* de conhecimento, novo e viável (criativo), por esforço da memória para acercar a face do contexto, além dos factos sabidos.

Na interface da temporalidade e da memória o poeta ou o filósofo transcendem a construção social e histórica.

No conhecimento psicológico se entra, com Nanos, na luz do *tempo subjetivo* e na intuição pessoal e, à memória vem Henri Bergson (1859–1941), que direcionou a escrita do seu tempo por cunho memorialista.

Fernando Pessoa (2006) já nos dera *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. A memória fora reinventada por escritores, poetas e filósofos, como Borges, Kafka, Deleuze e Espinosa, entre outros, à frente no tempo imemorial. Davam-se ao ensejo de penetrar nas ficções, nos fragmentos de memórias (não) ficcionais, sendo que as notas e os diários possam fixar-se numa categoria não literária, mas à parte.

E se o tempo pode estancar num plano único, que dizer da imobilidade temporal de Giorgos Seféris, no poema *Dias - 1925-1968* (1997, p. 82)?

Nada avança, nada retrocede: não existem a hora do amor, a hora do pensamento, a hora do trabalho. Não existem. Não há hora, não há nada, nem sequer a hora da desgraça. Tudo ao mesmo tempo, indistinto, revoltado e velado.

Não há sono, nem vigília, nem fadiga; tudo confuso; nenhuma sucessão, nenhuma espera, nenhuma destruição; tudo confuso. E o pior: esta imobilidade não é morte; o que significa morrer? O que significa inexistência? Entre tantas, essa inumana condição existe e impera» (Seféris, 1997: 82).

Outro texto seu retrata a espera, entre silêncios (Seferis, 1995):

O porto ameaça arruinar-se, não posso mais esperar

O amigo que partiu para a ilha dos pinheiros,

Nem o amigo que partiu para a ilha dos plátanos,

Nem o amigo que partiu para o largo.

Acaricio os canhões enferrujados, acaricio os remos

Para que meu corpo reviva e se decida.

(...)

Se eu quis ser sozinho, procurei

A solidão, não busquei esta espera,

(...)

*Estas cores, estas linhas, este silêncio.**As estrelas da noite me levam de novo a Ulisses**Que espera os mortos entre os asfodelos.*

(...)

*Nosso país é fechado, todo em montanhas**Que têm por teto, dia e noite, o céu baixo.*

O tempo histórico grego e cultural atual mescla-se com o tempo ficcional de *Ulisses*, na *Odisseia* de Homero, também podendo cruzar-se em obras literárias de Virgínia Wolff (*Mrs. Dalloway*) ou de Thomas Mann (*A montanha mágica*).

Mas também o tempo é dinâmico e processo que joga um instante atrás doutro.

Para Bergson, foi *la durée* – “duração”, o que indicaria a ausência de *aqui-e-agora*, na presença de um passado na atualidade e de uma duração concreta: «A duração é o progresso contínuo do passado que rói o futuro e que incha avançando. Na medida em que o passado incessantemente cresce, também se conserva, indefinidamente» (Bergson, 1964, p. 44).

O *tempo subjetivo* avançaria então, na duração *bergsoniana*, mas também com a História dos anos em que viveu, o que nos trouxe um tempo interior, fruto de sabermos o que nem sabemos que sabemos, por *insight ou intuição* (Deleuze, 1998 a).

6.3 Filosofia do passado

Continuar a dar-se a filósofos gregos o poder sobrenatural de estarem presentes no passado sempre recontado?

Fica de memória a fluência e o devir em Heraclito no relato de cor na escola. Veja-se que o *devir*, a mudança perpétua, nunca é “inferior” ao verdadeiro ser, em Platão (2001, Platão, sem data; Nunes, 1998, p. 137).

Platão (2001) fora quem nos deixou, em *Ménon*, a mais antiga teoria da reminiscência, que introduz em *Fedro* (Platão, sem data), em termos de conhecimento e experiência corrente a evocação de imagens ou ideias imprecisas, a pensar-se que *anima* humana as contemplou no passado inteligível.

Com a ajuda de *Mnemosyne* (Vernant, 1973, pp. 107-131; v. Baptista, pp. 19-21 e 22), gregos divinizavam a memória, própria de deuses. Platão dava corda e corrente ao tempo, nascido com o firmamento, uma categoria exterior ao ser humano, sem memória de deuses. Os opostos platônicos, tempo e eternidade, eram diferenciados pela realidade/imagem do modelo – o *mundo*

das ideias (v. João Reis, cit. por Baptista, 2007, p. 30).

A mensuração do tempo foi ideia de Aristóteles, separado o tempo em instâncias avaliadas, cada instante, um *agora*, com um antes e um depois. Para haver tempo, então, tinha que haver o instante presente e sem ele não teríamos tempo. Quanto ao Universo, permanecia imutável, sem início e sem fim.

Aristóteles observava, portanto, ser o conhecimento esforçado, feito de esforço de evocação, oposto à inação da memória passiva, fruto de conservação e evocação espontânea.

O tempo de Agostinho concebe-se na dimensão de viragem psicológica que é subjetiva. Com a teoria da iluminação divina, descoberta da verdade no *Mestre interior* que nos ensina, Santo Agostinho ousava questionar.

«... Se já é passado não se pode mais medir, porque não existe»?

A pergunta surgia, em *Confissões*, Livro XI, de Santo Agostinho (1995, pp. 325-326), quando na Idade Média o tempo seria criado por Deus, ao tempo da criação do Universo, partindo do vazio.

Para a noção moderna de tempo é já preciso esperar Kant (Deleuze, 1997): não é o tempo que é determinado e se subordina ao movimento, mas o movimento que subjaz ao tempo. Só depois de Immanuel Kant (1724-1804), a interioridade consoma um processo introspetivo, o auto relato sem limites e a forma do tempo passa a estar incrustada no pensamento. Semelhante é a posição de Ricoeur (2006, pp. 58-58), quando Kant colocara a ideia de tempo como *forma*.

6.4 Na interface de saberes do século XX

Assim colocado o passado filosófico clássico no tempo, a estrutura narrativa linear, sucessiva e cronológica, foi presente no século XIX mas terminou, entre idas e voltas ao passado, para esclarecer o presente – o *agora*, a que o filósofo Bergson impôs a duração.

Um ou outro narrador abandona, sem problema, já hoje, a escrita de forma sequencial, mas com desejada profundidade psicológica. Afinal, a uniformidade do tempo destituiu o ser humano da sua experiência (inter)subjetiva, justamente o que lhe permite estruturar-se, apropriar-se da vida e a dimensionar, continuamente, a sua interioridade (Benjamim, 1994, p. 136).

Foi a *espera* o foco na imagem, não mera impressão deixada das *coisas* passadas? A *espera* é antes sinal ou ‘causa’ de *coisas* futuras, do que *já existe*, proposta grata de Ricoeur (1994), um pensador que fez preceder o evento que ainda não é. É a ideia do *espírito que dura*, na mescla de sucessão interna, heterogénea e contínua da vida.

Duração será nova liberdade, consciência e memória (Deleuze, 1998 a, p. 39)?

O *tempo-duração* distinguiu o tempo puro dos *cristsais do tempo*, como nos filmes compassados, quando Deleuze (1990) teve no tempo a referência para memória, vindo a seguir a enfatizar o valor da *memória empírica* do que me lembro (Deleuze, 2000): o que vi e ouvi, imaginei ou pensei, em alternativa ao ser do passado, na forma pura do tempo, objeto da *memória transcendental*, em que a reminiscência platónica “confundiu” o *ser do passado* com um *ser passado*.

Mas o *momento empírico* tem o passado como presente? À duração e à teoria platónica da reminiscência se dedicou Deleuze (2000), ao longo de imenso tempo, depois de perscrutar, esquadrinhando *todo* o tempo e a memória, ao nível da cognição ou pensamento (Deleuze, 1998).

Afinal, perante tamanha carga, Sócrates era um devorador de *reconhecções* de *coisas* lembradas, imaginadas, concebidas, mas não *sentidas* (Deleuze, 2000, pp. 232), um demónio mesclado das tonalidades de amor, ódio, dor ou sofrimento. Deleuze colocaria a mão na ferida, por posição alternativa do *encontro* (*sentido*), que Sócrates não chegara a viver.

Mas a percepção, em a *imagem-movimento* (Deleuze, 1985, 2004) nos percursos do cinema, não é memória? Não foram confundidas.

Na pós-modernidade *integradora* de imagens e tempos (Lipovetsky & Sébastien, 2004, pp. 57-58), assiste-se já a uma fragmentação do tempo que passa, quando o relógio biológico nos distinga, mas também em cadência que não é igual para todos nós, sujeitos a interioridade e subjetividade, ímpares na memória dos tempos.

É preciso é não mais se desconfiar da memória que, embora denuncie o ecoar do tempo e o próprio tempo a correr, possuirá sempre a incompletude de materializar a irreabilidade e o significado, para verdades singulares.

Referências Bibliográfica:

- Agostinho (1995). *Confissões*, Livro XI, pp. 325-326. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Baptista, A. (2007). *Tempo-memória*. S. Paulo: Arké.
- Benjamin, Walter (1994). *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas, 3 (2. ed.). Rio de Janeiro: Brasiliense.
- Bergson, Henri (1964). *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Editora Delta.
- Deleuze, G. (1985). *Cinéma 2: L'image-temps*. Paris: Minuit.
- Deleuze, Gilles (1997). *Crítica e clínica*. S. Paulo: Editora 34.
- Deleuze, Gilles (1998 a). *Le bergsonisme*. Paris: Quadrige.
- Deleuze, Gilles (1998 b). *Proust et les signes*. Paris: Quadrige.
- Deleuze, Gilles (2000). *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Deleuze, Gilles (2004). *A imagem-movimento*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Eliot, T. S. (1998). *The waste land, prufrock, and other poems*. N.Y.: Dover Thrift Editor.
- Eliot, T. S. (2004). *Poesia: obra completa*. Volume I. São Paulo: Arx.
- Lipovetsky, Gilles (2004). *Os tempos hipermodernos*. Barcarolla.
- Lipovetsky, Gilles (2004). *Os tempos hipermodernos*. Barcarolla.
- Lipovetsky, Gilles & Sébastien, Charles (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Nunes, Benedito (1988). *Crivo de papel*. São Paulo: Ática.
- Orain-Péllissolo, S. (2012). Depressão, quando tu nos agarras! In C. André (Org.), *Os segredos dos psis* (pp. 65-86). Lisboa: Editora Objetiva.
- Platão (2001). *Ménon*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e Loyola.
- Platão (sem data). *Fedro*. Lisboa: Edições 70.
- Pessoa, F. (2006). *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: A girafa Editora.
- Ricoeur, Paul (1994). *Tempo e narrativa* (Tomos I, II e III). Campinas: Papyrus.
- Ricoeur, Paul (2006). *Caminos del reconocimiento: Três estudos*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Ricoeur, Paul (2008). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp.
- Seféris, Giorgos (1997). *Dias, 1925-1968*. Madrid: Alianza.

- Seferis, Georges (1995). *Complete Poems*. Londres, Princeton University Press.
- Servant, D. (2012). Como descobri o relaxamento e a meditação. In C. André (Org.), *Os segredos dos psis* (pp. 195-208). Lisboa: Editora Objetiva.
- VanderBos, G. R. (2010) (Org.). *Dicionário de Psicologia da American Psychological Association*. Porto Alegre: Artmed.
- Vernant, Jean-Pierre (1973). *Mito e pensamento entre os gregos: Estudos de Psicologia Histórica*. São Paulo: DIFEL/EDUSP.
- Zamith-Cruz, J. (1997). *Trajectórias criativas: O desenvolvimento humano na perspectiva da Psicologia Narrativa*. Tese de Doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho.
- Zamith-Cruz, J. (2012). Da orfandade: História de vida e transformação psicossocial. In E. Araújo & E. Duque (Eds.), *Os tempos sociais e o Mundo contemporâneo* (pp. 259-284). Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Comunicação e Sociedade.
- E-book: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/119